

PORTUGALA ESPERANTISTO. ÓRGÃO MENSAL DO MOVIMENTO ESPERANTISTA PORTUGUÊS¹ – Periódico bilingue (esperanto e português) que se publicou em Lisboa, entre Janeiro e Agosto de 1936, por iniciativa de três organismos esperantistas da cidade, que eram também os seus proprietários: a «L.E.S. Nova Vojo» que naquele tempo era a «mais antiga de Lisboa»²; a «Liga dos Esperantistas Ocidentais»³; e a «L. E. S. Antaŭen»⁴. A *troika* de proprietários não durou muito tempo. Logo em Fevereiro (n.º 2) desapareceu do cabeçalho a «Antaŭen»; em Maio (n.º 5) foi a vez dos «Esperantistas Ocidentais» levarem sumiço; pelo que o único proprietário que se manteve até ao fim foi a veterana «Nova Vojo». Estas mudanças não tiveram impacto na composição do corpo dirigente do *Portugala Esperantisto*, cujo diretor foi Manuel de Jesus Garcia, que não foi possível identificar, e o editor foi Joaquim Costa (1877-1950)⁵. No editorial do primeiro número foi anunciado o apoio de uma outra associação, a *Progresemaj Amijoj*, do Barreiro.⁶

Materialmente, é uma publicação pobre, com 8 páginas, sem cor e com raros elementos gráficos. A venda avulsa contemplava uma versão económica (\$50) e outra “em papel melhor” (\$75); a assinatura era anual e dirigida para diferentes “mercados”: Portugal e Espanha (6\$00); Colónias Portuguesas (7\$00); Outros países (7 francos franceses).

A redação do *Portugala-Esperantisto* estava instalada junto da sede da «Nova Vojo», na Rua do Regedor, nº 5 - 4º. A impressão esteve sempre a cargo de empresas da capital: os dois primeiros números foram assegurados pela Sociedade Industrial de Tipografia, localizada na Rua Almirante Pessanha, 5 (Ao Carmo); e os seguintes saíram das máquinas da Tipografia A Montanha - S. Pessoal Lda., na Rua Luz Soriano, 71.

O MOVIMENTO ESPERANTISTA

Embora muitos nunca tenham ouvido falar do assunto, ainda são muitos os esperantistas ativos por esse mundo. Quem se der ao trabalho de fazer uma pesquisa na internet descobrirá uma vasta rede de organismos dedicados à divulgação e ao ensino do

¹ Disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/PortugalaEsperantisto/PortugalaEsperantisto.htm>

² Conf. «As comemorações do 19º aniversário de L.L. Zamenhof», in n.º 4, de Abril de 1936, p. 26. A sigla «L.E.S.» significa «Laborista Esperantista Societo» e a expressão «Nova Vojo», em esperanto, significa “Novo Caminho”. Em 1936, secretário-geral da «Nova Vojo» era Adolfo Trémouille.

³ Fundada em Lisboa, no ano de 1931. Em 1936 o seu secretário-geral era José Marques.

⁴ Criada em Lisboa, no Sindicato dos Metalúrgicos, no ano de 1920, assumiu como nome o adverbio “Avante” («Antaŭen»). Em 1936, o seu secretário-geral era Armando Aguiar.

⁵ No catálogo da PORBASE aparece referenciado como autor e prefaciador de algumas monografias com comunicações apresentadas em conferências.

⁶ Conf. n.º 1, p. 7. O secretário-geral do grupo *Progresemaj Amijoj*, que significa “Amigos Progressistas”, era Manuel Boto.

Esperanto, à salvaguarda das suas memórias, e encontrará também ferramentas de tradução, manuais, periódicos, etc. Há pouco mais de dois anos, em Maio de 2014, na Biblioteca Municipal dos Coruchéus, a Associação Portuguesa de Esperanto realizou uma ação de divulgação que foi muito participada. Mas afinal do que estamos a falar?

O «movimento esperantista» nasceu na Polónia, no final do século XIX, em defesa do *Esperanto* que foi a mais bem-sucedida tentativa para criar uma “língua universal”, ou seja, uma língua património de todos os povos e, por isso mesmo, uma língua neutra, ao serviço da fraternidade e da paz, da partilha de conhecimentos e do progresso. Na sua origem, a procura da “língua universal” remete para os tempos bíblicos, concretamente para o episódio da Torre de Babel que os homens edificaram com o objetivo de chegar aos céus. Avaliando essa pretensão dos homens como um mau prenúncio, deus puniu-os, submetendo-os à “confusão das línguas”. Assim, a adoção de uma língua comum está também associada à ideia de uma humanidade redimida e moralizada.

Desde esses tempos remotos que a procura de uma solução para desbloquear a comunicação entre os povos entrou na agenda dos sábios. Mas no final do século XIX, a julgar pelo número de projetos que foram apresentados, o problema foi considerado prioritário. De facto, além do *Esperanto* que surgiu em 1887, por proposta do médico e filólogo, polaco de origem judaica, Luiz Lázaró Zamenhof (1859-1917), apareceram outras propostas, nomeadamente: O *Volapuk*, de Schleyer (1879); a linguagem *Universal*, de Maldant (1886); o *Bopal*, de Saint Max (também de 1887); o *Bollack* (1889); e no século seguinte foram propostas o *Spokit*, o *Idioma Neutral*, o *Stenolog*, o *Sobresal*, entre outras.

A invenção de Zamenhof terá recebido um forte estímulo do ambiente que reinava na sua terra natal, Balystok, numa Polónia ocupada pela Áustria, Rússia e Prússia, e transformada numa autêntica «Babel» pela presença de diferentes nacionalidades, línguas e religiões (polacos, russos, lituanos, prussianos, judeus, católicos, protestantes, etc.). Essas comunidades foram, pois, o público destinatário das primeiras edições da brochura «*D-ro Esperanto – Lingvo Internacio. Antaŭparolo kaj Plena Lernolibro*», de 1887, onde Zamenhof, sob o pseudónimo de «Dr. Esperanto», deu a conhecer as ferramentas operativas do novo idioma – um dicionário de 900 radicais e uma gramática de 16 regras – que permitiam (e permitem) a qualquer indivíduo formar todas as palavras.

Porque encontrou um ambiente social recetivo e multicultural, o Esperanto pode difundir-se rapidamente para outras geografias, por conta de agentes ou animadores que se identificaram com os seus valores humanitários e pacifistas matriciais e/ou reconheceram nele potencialidades de alguma natureza. De um modo geral, esse fluxo foi sustentado por movimentos de natureza associativa que se foram estruturando em rede, através de um programa de ação assente na divulgação, no recrutamento e na formação continuada de novos esperantistas, bem como na organização de diversas atividades a fim de dinamizar e consolidar as relações entre os grupos e dar credibilidade e visibilidade à causa esperantista.

Em 1904, realizou-se em Calai-Dover a primeira reunião internacional esperantista que juntou 180 esperantistas, de 6 países.⁷ Partiu deles a decisão de organizar, anualmente, um congresso universal de esperanto. O primeiro ficou logo agendado para o ano seguinte, em Boulogne-sur-Mer, na França.

⁷ Conf. Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, Vol. 10, pp. 241-243.

Por essa altura (1905) já circulavam em Portugal, pelo menos, duas traduções da brochura de Zamenhof: a mais antiga, de 1892, intitulava-se *A Língua Universal Esperanto: Methodo completo comprehendendo dois vocabulários*, e foi impressa em Noremburg, na Alemanha, por iniciativa por um personagem desconhecido e de nome estrangeirado, Jayme Heinlein Ferreira, que coordenou a edição e assegurou a tradução; a outra, de 1896, já foi impressa em Portugal, em Gouveia, com o mesmo título da anterior, mas com tradução de Manuel Ribeiro da Costa e Almeida, médico minhoto e um pioneiro do movimento esperantista em Portugal, foi o único que marcou presença no primeiro congresso universal de esperanto que se reuniu em França, em 1905, e também publicou no *Portugala Esperantisto*.⁸

Qual foi a história do movimento esperantista português desde essas primeiras edições até ao lançamento do *Portugala Esperantisto*, em 1936? Essa história está necessariamente relacionada com a dos propagandistas do esperanto e a do público destinatário. Mas o assunto ainda não se encontra muito explorado, pelo que a informação disponível é escassa.

Numa primeira fase, de 1894 até ao eclodir da I Grande Guerra (1914), «o movimento foi dirigido pelo Pôrto»⁹ (GR. ENC. PORT.-BRASIL.) e encontrou o seu público na pequena burguesia urbana, sobretudo junto de indivíduos mais expostos às relações com estrangeiros, como os comerciantes, gente ligada ao turismo, os desportistas, os militares e os agentes de segurança, algum funcionalismo, etc. A bibliografia disponível no universo das bibliotecas confirma esse panorama.

De facto, a pesquisa dos termos “esperanto” e “esperantista” no catálogo da PORBASE, para o período 1900-1915, revela que as edições mais antigas foram impressas no Porto e são da autoria de José Augusto Proença, que deixou o seu nome associado a várias obras: uma *Grammatica da Lingua Internacional Auxiliar Esperanto* (1907)¹⁰; um *Diccionario esperanto-portuguez: precedido por um resumo da grammatica* (1908) que teve 2.^a edição (1910); um *Curso Elementar de Esperanto sem mestre: em 10 lições* (1910); e à primeira publicação periódica esperantista, o *Portugala Revuo : órgão dos Esperantistas Portugueses* (Março-Outubro, 1909), possivelmente a primeira publicação periódica esperantista editada em Portugal.¹¹

Quanto ao público destinatário, o prefácio da referida *Grammatica*, de 1907, também é muito esclarecedor: «O nosso desejo é que, dentro em pouco tempo, as principaes casas comerciais do nosso paiz se possam corresponder em Esperanto com as suas congéneres das outras nações (como faz atualmente a casa Gaumont de Pariz (aparelhos photographicos), a casa Stephen de Londres (tintas) a companhia Olivier de Londres (machinas de escrever) e que os nossos hotéis reconheçam a utilidade do Esperanto.»¹²

De 1914, existe registo de uma edição dos *Estatutos da Lisbonna Esperantista Societo*, talvez a primeira sociedade esperantista da capital; e da edição de duas teses que foram

⁸ As duas edições estão disponíveis na Biblioteca Nacional de Portugal.

⁹ Cf. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*.

¹⁰ Disponível na Hemeroteca Digital, em:

http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/RaridadesBibliograficas/Raridades_GramaticadeEsperanto.htm

¹¹ Concretizou duas séries: a primeira, em 1909 e a segunda, depois de um interregno, em 1913-1914. Disponível na Biblioteca Municipal do Porto.

¹² Conf. «Prefácio» da *Grammatica da Lingua Internacional Auxiliar Esperanto*.

apresentadas no 1.º Congresso Nacional das Associações Comerciais e Industriais Portuguesa: «O esperanto no ensino comercial», por B. Martins d' Almeida; e «A língua “Esperanto” nas relações externas do comercio», por José Carvalhido.

Os propagandistas do esperanto também terão beneficiado do apoio de organizações de renome, como a Cruz Vermelha Portuguesa que, em 1912, «editou 10.000 pequenos guias em *Esperanto Português*»¹³; e o ensino do esperanto foi instituído em diversos estabelecimentos de ensino, como a Escola Prática Comercial Raul Dória (Porto), o Instituto Industrial e Comercial do Porto, a Universidade Livre (Porto), o Liceu Passos Manuel (Lisboa), a Universidade Popular de Lisboa, entre outros.

Outro testemunho curioso sobre o ensino do esperanto é a caricatura «A policia e o esperanto» publicada no diário republicano *A Capital*, de dia 10 de Abril de 1912, que mostra um agente «[À] entrada das aulas...».¹⁴

No final da Grande Guerra, especialmente depois da revolução russa de 1917, o interesse pelo esperanto começou a conquistar o operariado – por via do movimento sindical e influência de organizações anarquista, comunistas, socialistas, etc. – como instrumento de comunicação internacional e, por essa via, como ferramenta ao serviço da revolução que conduziria à igualdade e à justiça social.

Reportado a esta segunda fase do movimento esperantista, no catálogo da PORBASE há registo de três publicações periódicas, que dão testemunho da atividade e também do nível de organização em que se encontram os novos «samideanos» (termo que em esperanto significa correligionário): o *Laboro: monata organo* [órgão mensal] de “*Portugala Laborista Esperanto-Federacio*” (Maio, 1920 – Janeiro, 1921); *La vero: folha mensal para divulgação do esperanto entre o povo*, edição do Anarkia Grupo “La Vero” (Janeiro, 1922 – Outubro, 1923); e *Portugal esperanto: órgão oficial da Associação Portuguesa de Esperanto* (Janeiro-Junho, 1926).

Em 1921, um esperantista entrevistado para o diário *A Batalha: porta voz da organização operária portuguesa*, referindo-se ao desenvolvimento do esperanto em Portugal nos anos 20, afirmou o seguinte: «O movimento esperantista entre nos era reduzidíssimo ainda aqui há meia dúzia de anos, e pode afirmar-se que entre os trabalhadores êle começou de facto em 1918, quando da organização da *Lisbona Verda Stelo*, a primeira sociedade constituída em Lisboa para a propaganda do Esperanto nos meios operários. De então para cá, nestes três últimos anos, alguma coisa se tem feito, tanto quanto possível; outras sociedades e grupos se teem criado e delas saiu a Portugal Laborista Esperanto Federacio – Federação dos Trabalhadores Esperantistas de Portugal. A federação tem o seu órgão – «*Laboro*» (trabalho) – o qual, dentro das acanhadas possibilidades do nosso meio, pode considerar-se uma esplêndida revista, não se fazendo, proporcionalmente, muito melhor em todo o mundo.»¹⁵

Questionado sobre os últimos avanços, o entrevistado referiu-se às dificuldades enfrentadas: «É claro que todos os operários conscientes a aceitam, e nos acompanham já,

¹³ Cf. *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*.

¹⁴ Disponível na Hemeroteca Digital, em:

http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/Periodicos/ACapital/1912/Abril/Abril_item1/P37.html

¹⁵ Cf. «Uma campanha sobre esperanto. O que os esperantistas podiam fazer – A cooperação que o esperantismo pode dar à organização operária.», in *A Batalha*, n.º 696, Ano III, 12/03/1921, p. 1.

mas nem todos se dedicam à aprendizagem do Esperanto, uns porque não lhes chega o tempo, tomado por outros afazeres da organização, outros por uma questão de disposição, e todos eles pode dizer-se que por não verem no Esperanto uma utilidade imediata.»

Mas a partir dos anos 30, no quadro da agitação social e política que então se fez sentir como reacção às consequências da crise de 1929 e à consolidação do poder de Oliveira Salazar, após a demissão de Ivens Ferraz (Janeiro de 1930), o panorama alterou-se substancialmente, como o *Portugala Esperantisto* fez questão de referir no seu primeiro editorial, para justificar o seu aparecimento:

*«Ao publicarmos o primeiro numero (...), cumpre-nos dizer duas palavras sobre o seu aparecimento. É muito difícil, quasi impossível, por nos faltarem elementos, determinar com precisão as causas do desenvolvimento do Esperanto no país, depois de 1931. Certo é que, dessa data em diante, as sociedades, as secções e cursos de Esperanto se multiplicaram de uma maneira assombrosa, não só na capital como na província, num ritmo com tendência a acelerar-se. Só em Lisboa, o numero de esperantistas filiados nas organizações cidadinas duplicou e, constatando êsse numero salta logo à vista que, paralelamente, nada estava feito que pudesse unificar e coordenar os esforços de todos, dando-lhes consciência de uma finalidade a atingir.»*¹⁶

PROGRAMA, REDACTORES E COLABORADORES

O editorial do número seguinte (nº 2), assinado por Mário Pedroso de Lima, assumiu o tom de repto dirigido às «sociedades esperantistas portuguesas, quasi todas operárias, ou compostas, na sua maioria, por operários». Sem concretizar o que tinha em mente, defendeu com veemência a construção de uma união em defesa da «causa» que todos partilhavam, pois juntos teriam mais força e capacidade mobilizadora: «Uma causa que se mostra tam desconjuntada, cujos órgãos agem tão descompassadamente, não tendo um sentido, uma directriz marcada, única, cujo trabalho não é aproveitado com o máximo rendimento, multiplicando-se na razão directa do número de organismos, e diminuindo o rendimento de trabalho na razão inversa, dá uma triste ideia de si própria.»

Como Pedroso de Lima explicou, o *Portugala Esperantisto* era fundamentalmente «um instrumento de aproximação entre as sociedades esperantistas e conseqüentemente entre os esperantistas», com vista à futura constituição de uma entidade coordenadora, apressando-se a garantir que não seria «organismo de carácter associativo ou federativo»; acabou por a descrever como uma «comissão que interrelacione os grupos» e batizou-a, em esperanto, de «Interrilata Komitato». Na edição seguinte (n.º 3), Pedroso de Lima apresentou algumas propostas sobre a organização e o funcionamento do «Interrilata Komitato», cuidando especialmente da questão do modelo de representatividade a adotar, depois solicitou que as sociedades se manifestassem. Ao que parece, a proposta de união, tal como foi apresentada, gerou reacções diversas, pelo que sentiram necessidade de sublinhar a sua verdadeira natureza: «Posta a questão, não da Federação, não da Associação, mas de uma simples comissão entre os grupos algumas e importantes adesões recebemos.»; as únicas adesões que referiram foram as da «Liga dos Esperantistas Ocidentais» e da «Nova Vojo».¹⁷ Como quem adivinha perigos deixaram um conselho de amigo: «Aqueles que, desde a primeira hora, compreenderam a nossa intenção,

¹⁶ Cf. n.º 1, de Janeiro de 1936, p. 1.

¹⁷ Cf. «Devagar e nada de confusões...», in nº 5, p. 34

recomendamos confiança; a todos os outros, serenidade. *Malrapide, malrapide, ni atingos nian celon.*» (Lentamente, lentamente, atingimos nossa meta). O tema da união não voltou a ser abordado.

O programa desenvolvido pelo *Portugala Esperantisto* foi fundamentalmente orientado para dois fins: por um lado, a divulgação do Esperanto, enquanto língua neutra, secundária, de pendor humanista, e com muitos praticantes em todo o mundo; e por outro, o desenvolvimento da atividade esperantista, o ensino da língua e o seu exercício. Para a concretização do primeiro objetivo, o jornal mobilizou uma série de colaboradores para explicar as virtudes e potencialidades do esperanto; manteve uma secção dedicada ao «Movimento Internacional»; e procurou recolher «opiniões de intelectuais portugueses acerca das vantagens do Esperanto», um esforço que rendeu duas entrevistas: uma, com o professor José António Simões Raposo (1875-1948), «antigo professor da Casa Pia de Lisboa e pedagogo distinto» (n.º 5); e outra, com o dr. José Agostinho Fortes (1869-1940), «professor catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (n.º 7).

Para incremento do ativismo esperantista, além de promover e acompanhar a atividade das sociedades e grupos esperantistas portugueses, o jornal disponibilizou informação sobre a imprensa portuguesa com secções esperantistas (n.º 5, p. 35) e as estações de rádio que difundiam informação relevante, onde se incluíam algumas estações portuguesas (n.º 4, p. 30); lançou um concurso de tradução e foi publicando os trabalhos vencedores; e também tratou de algumas questões relacionadas com a língua.

Durante uns meses, o Estado Novo tolerou a presença do *Portugala Esperantisto*, apesar de ser parcialmente redigido em Esperanto e a circulação da imprensa estrangeira se encontrar praticamente proibida desde Abril de 1936.¹⁸ A explicação pode estar no carácter inócuo das notícias e informações que lhe deram substância; ou no perfil dos seus redatores e colaboradores mais regulares, na sua maioria, activistas do tempo da I República, como: Jorge Aníbal Saldanha Carreira (1887-?)¹⁹, Manuel Ribeiro da Costa Almeida, Luzo Benaldo, Costa Júnior, entre outros. O que não oferece dúvida é que o *Portugala Esperantisto* desapareceu logo que eclodiu a guerra civil em Espanha (Julho de 1936) e essa coincidência é muito suspeita.

Rita Correia, 13 de Setembro de 2016

¹⁸ Decreto-lei n.º 26.589, de 14-04-1936.

¹⁹ SALDANHA CARREIRA, Jorge Anibal – Nasceu em Lisboa, a 12/01/1887, foi publicista e um dos mais activos divulgadores da língua Esperanto. Foi professor de Esperanto na Escola Comercial Ferreira Borges, na Policia de Segurança de Lisboa, e dirigiu cursos em escola oficiais, associações e estações emissoras. Foi presidente da Associação Portuguesa de Esperanto (1952), membro da Academia de Esperanto da Holanda e membro de honra da Associação Universal de Esperanto (Inglaterra). Também foi autor de algumas obras de divulgação e ensino do Esperanto e colaborador da «Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira». Na imprensa, foi colaborador de *O Século* (ed. da noite), *A Capital*, *Livre Pensamento*, *Vida Social*, *Pensamento*, *O Povo*, *O Diabo*, *Diário de Lisboa* e outros jornais da província e do ultramar.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Dicionário Cronológico de Autores Portugueses, org. Inst. Port. do Livro e das Bibliotecas, coord. Ilídio Rocha. Lisboa : Publicações Europa-America, 1998.

Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro : Editorial Enciclopédia, Lda., [s.d.].

PROENÇA, José Augusto; LAMPAS, Elvira Rosa Pereira – *Gramática da Língua Internacional Auxiliar Esperanto*. Portob : Almeida & Sá, sucessores, 1907.